TIAGO CABEÇA E A BARRÍSTICA

DA PEÇA IMAGINADA À PEÇA CRIADA

pág. 30

INVERSO

NÚMERO 3

ficha técnica | estatuto editorial

DIREÇÃO
Divisão de Comunicação da Universidade de Évora

ISBN
2184-8270

PERIODICIDADE TRIMESTRAL
3ª edição [junho 2021]

REDAÇÃO
Andreia Rosa, Marco Cardoso, Maria Serrano, Raquel Fernandes

DESIGN
Susana Rodrigues

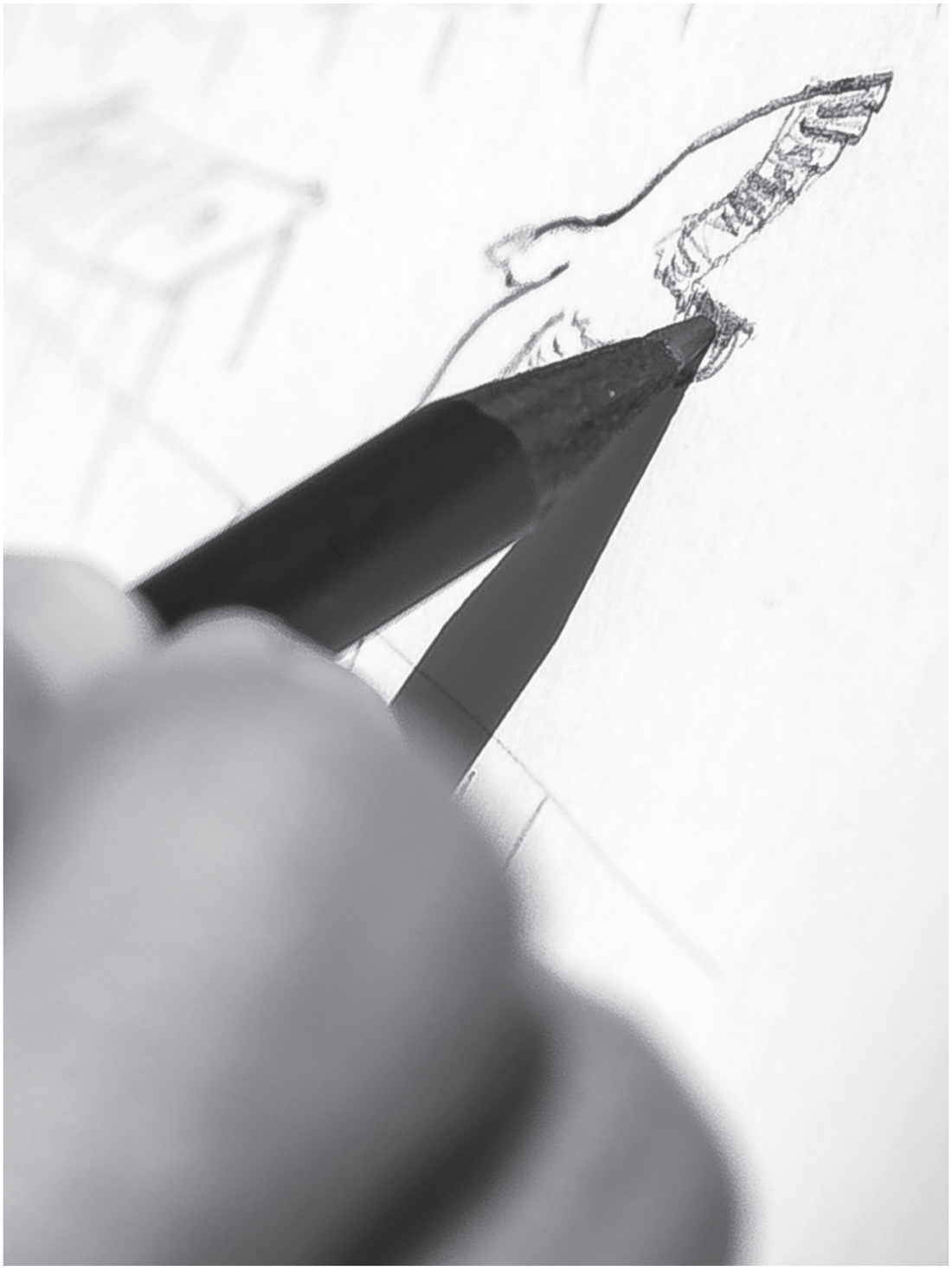
FOTOGRAFIA E VÍDEO
Hugo Faria, Carlos Espiga

PROPRIEDADE
Universidade de Évora

CONTACTO
revistainverso@uevora.pt

A revista Inverso é uma publicação institucional, de natureza jornalística, que procura ângulos e perspetivas diferentes, valorizando a diversidade, a multiplicidade e o desdobramento de facetas de cada um dos atores da Academia. Pretende dar a conhecer olhares menos óbvios e contribuir para o (re) conhecimento do que se faz na Academia, nas suas várias áreas e dimensões. É uma publicação que reflete muito mais do que os resultados obtidos na investigação, no ensino ou na inovação. É uma publicação que dá a conhecer pessoas. A Inverso é uma revista cá dentro lá para fora.

editorial



Rui Lourenço ►
sketching

"Criar é um exercício de liberdade e paixão. Ou seja: podemos pensar a obra, mas é no decorrer da elaboração que ela surge". É assim que Tiago Cabeça, investigador do CHAIA, descreve o processo artístico, num itinerário da peça imaginada à peça criada.

E é a criatividade que entrelaça todas as histórias desta Inverso, em ambientes e áreas tão diversas quanto a museologia, a biologia, a literatura ou a geologia.

Rui Lourenço, biólogo e investigador do MED, recebeu-nos na Herdade da Mitra, que é, simultaneamente, o seu laboratório de estudo das aves e o espaço de inspiração para as ilustrar. O desenho, afirma, "é uma ferramenta útil de memorização de características, mas também de descrição de comportamentos".

Já na confluência entre a Literatura e a Arte, um coletivo de alunos da Escola de Artes concebeu peças evocativas do impacto que a Arte e a Literatura podem ter nas nossas vidas, homenageando o Livro enquanto objeto físico, mediador de conteúdo cognitivo, mas também universo de possibilidades plásticas, patentes na Exposição Livro-Experiência.pages of freedom.

Mais à frente, Ana Luísa Amaral, escritora e ensaísta galardoada com o Prémio Vergílio Ferreira no ano em que o galardão comemora um quarto de século, alude à importância deste tipo de distinções, que dão voz às Letras e às Humanidades "temos um vastíssimo tecido académico e artístico de grandes tradições e imenso dinamismo. E não é só aquilo que é rentável ou que dá lucro que deve ser incentivado- é também o que, aparecendo-nos como "radicalmente inútil" nos ajuda e ensina a sermos mais humanos e, dessa forma, desenvolvermos laços e redes de sustentabilidade e solidariedade."

Sabia que o único cientista a pisar a Lua foi o geólogo Harrison Schmitt, em 1972, numa das 17 missões do programa Apollo da NASA? Rui Dias propõe-nos "explorar a geologia lunar… o resultado de um acaso ou de um enorme conjunto de acasos…" E Ana Carvalho, investigadora do CIDEHUS, desafia-nos a refletir sobre os museus e o digital, que se tornou "ferramenta ainda mais omnipresente nas nossas vidas".

Para Bruno Rentes, as ultramaratonas possibilitam "um conjunto de experiências extraordinárias que nos deixam uma marca para o resto da nossa vida, que nos inspiram e fazem inspirar". São "uma perfeita metáfora da vida".

por **Andreia Rosa**
[coordenadora
da divisão
de comunicação]

DESTE LADO DO TELEFONE

VOZES QUE ACALMAM EM TEMPOS DE PANDEMIA

Digitam-se os números do telefone… deste lado está a Rita, a Marta, ou um dos colegas que, tal como elas, se voluntariaram para integrar a ação de monotorização dos contactos de doentes de Covid-19. Em tempo recorde e em resposta a um pedido de apoio da Administração Regional de Saúde do Alentejo, a Universidade de Évora pôs em marcha um centro de rastreio e acompanhamento diário, através de chamada telefónica, a pessoas da região infetadas por SARS-CoV-2 e/ou em isolamento profilático.

Para a Rita Balby, natural do Montijo e estudante no 2.º ano da licenciatura em Enfermagem, este foi um desafio que aceitou de imediato, "não só para ajudar os futuros colegas de profissão" como também para "prestar auxílio a todos aqueles que se encontravam mais frágeis". Para a algarvia Marta Azevedo que almeja trabalhar nas vertentes ou de Pediatria ou de Geriatria, a escolha da licenciatura em Enfermagem está intimamente relacionada com a sua forte ligação ao cuidado ao próximo. Participar durante 11 dias (exatamente 88 horas) nesta iniciativa representou, para esta estudante de 19 anos, uma ótima oportunidade de apoiar o Sistema Nacional de Saúde, tendo assim contribuído para aliviar "a sobrecarga e o esgotamento de recursos e disponibilidade médica" em contexto de pandemia.

Com o principal objetivo de apoiar a Saúde Pública neste combate ao estabelecimento de cadeias de transmissão e propagação do vírus, a função central dos voluntários foi não só a de guiar os pacientes quanto aos procedimentos a seguir, mas fundamentalmente a de ouvir quem mais precisava em momentos de fragilidade, incertezas e preocupação, enquadrados no cenário de crise pandémica que assombrava o país.

Por outro lado, esta iniciativa permitiu que estudantes das licenciaturas em Enfermagem e Psicologia da UÉ estivessem em contacto com o contexto laboral. "Participar nesta iniciativa exigiu uma enorme vertente comunicativa, dimensão que estará sempre

▼ **Rita Balby**
estudante da licenciatura
em Enfermagem

▼ **Marta Azevedo**
estudante da licenciatura
em Enfermagem

▼ **Eliana Correia**
estudante da licenciatura
em Psicologia

presente na minha profissão de futuro pois é fundamental para estabelecer um vínculo com o paciente", defende a Marta. "Tive a sensação de dever cumprido e notei um grande crescimento pessoal. O 'obrigada' que recebi vezes sem conta encheu-me o coração e foi ótimo estar próxima da realidade hospitalar", sublinha a Rita.

A comunidade académica reagiu em força ao convite da Universidade de Évora para fazer parte desta experiência, de tal forma que foram criados inicialmente quatro grupos de voluntários e ainda assim houve quem acabasse por não ter a oportunidade de participar, como foi o caso da Eliana Correia, estudante de 22 anos da licenciatura em Psicologia. "Tive muita pena de não poder participar… Vejo o voluntariado como uma forma de estar próxima da comunidade e de acolher o outro", começa por explicar a coliponense que gostava de enveredar pela área da Psicologia Clínica. "Acho imprescindível que as pessoas tenham contacto com a psicologia em diversas situações do quotidiano pois contribui para travar a banalização atual associada à psicoterapia, mas também para se ir reconhecendo o valor adaptativo das emoções que não devem ser reprimidas", conclui.

Inicialmente estes centros de contactos prévios revelaram-se fundamentais na aceleração do processo de isolamento de pessoas com contacto com doentes de Covid-19. Se antes se esperavam vários dias até ser efetuado o contacto por parte da Direção Geral de Saúde, na altura foi possível que estes se fizessem no próprio dia, o que permitiu limitar a transmissibilidade das cadeias de contágio. Para além do propósito humanitário e social adjacente, esta medida permitiu que estudantes da UÉ pusessem em prática conhecimentos adquiridos na licenciatura e atuassem como agentes no combate a este desafio que é de todos.

crónica

OS MUSEUS E O DIGITAL: O LUGAR DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

por **Ana Carvalho**[1]

[Este artigo é redigido segundo o Acordo Ortográfico de 1945]

O "digital", esse termo abstracto e poroso que usamos aqui para nos referirmos a tudo o que é mediado por tecnologias digitais, plataformas e serviços (ex. apps, websites, smartphones, sistemas e software, etc.), tornou-se ferramenta ainda mais omnipresente nas nossas vidas. Antes da crise pandémica já comungávamos dessas ferramentas, que em muitos aspectos nos facilitavam a vida. O que mudou foi a forma, diria até invasiva, com que nos transportou de forma dominante e avassaladora para o universo digital, à força das circunstâncias. Se antes o digital era algo que se acenava como possibilidade de ampliar ou complementar as formas tradicionais de fazer, com incursões pontuais, por vezes mais distantes, tidas como acessórias ou secundárias, hoje tem o palco principal. Mas com isso, e falo pela minha própria experiência, como investigadora, como museóloga, como professora, como mãe, veio um cansaço extremo e a saturação, pois tudo o que é excessivo desequilibra.

O que mudou [com a crise pandémica] **foi a forma, diria até invasiva, com que nos transportou de forma dominante e avassaladora para o universo digital**

Ainda ecoam em mim as palavras do Professor José Alberto Machado, quando a propósito da comemoração do Dia das Ciências Sociais na Universidade de Évora, a 12 de Março, lembrou "o digital não tem limites, mas também é uma limitação". E é nesse balanço, entre o que é essencial e o que não é essencial, entre perdas e ganhos, que deve recair a nossa atenção, esse exercício crítico que nos deve acompanhar em permanência sobre o lugar que queremos dar às tecnologias, evitando cair em apressadas simplificações ou olhares estritamente benevolentes ou puramente antagonistas.

O meu olhar para as tecnologias digitais veio primeiro da experiência informal, como ferramenta de comunicação. Há quase 15 anos, tendo acabado de fazer o mestrado em museologia, percebia a importância da comunicação e a ausência de divulgação no mundo dos museus. Resolvi criar um blogue – "o mundo dos museus". Ainda hoje o mantenho pelo interesse que continua a suscitar e pelas redes que potencia. Depois como investigadora, percebi que não bastava pesquisar, escrever e produzir conhecimento, era preciso disseminar para além dos canais tradicionais, de forma múltipla e informal, incluindo as redes sociais. Os impactos destas formas de comunicação são quase sempre imprevisíveis, mas tangíveis, de uma forma ou de outra.

como investigadora, percebi que não bastava pesquisar, escrever e produzir conhecimento, era preciso disseminar para além dos canais tradicionais

Mas foi a partir de 2016, num contexto mais estruturado de investigação, que me aproximei da reflexão em torno do universo das tecnologias e da sua aplicação nos museus no sentido de analisar a forma como o desenvolvimento de tecnologias influencia os museus e as suas formas de trabalho. Esta linha de investigação foi desenvolvida com o convite para participar no projecto internacional Mu.SA – Museum Sector Alliance, entre 2016 e 2020. A investigação teve como ponto de partida reflectir sobre o papel dos museus na sociedade digital, considerando as necessidades e os desafios da transformação digital. A investigação desenvolveu-se a partir de uma análise comparativa em três países do Sul da Europa: Portugal, Grécia e Itália, e no contexto de um consórcio internacional liderado pela Hellenic Open University (Grécia), com financiamento europeu (Erasmus +, Sector Skills Alliance). Como sempre, os resultados da investigação apontaram para a necessidade de ultrapassar desafios, que são, como não poderiam deixar de ser, múltiplos, e, com frequência, transversais e partilhados. O reporte para o caso português apontou respostas limitadas e pouco estruturadas dos museus relativamente à comunicação digital, que resultam, por sua vez, de um quadro de escassez – de recursos humanos e financeiros, infraestruturas tecnológicas e técnicas, em grande medida, obsoletas e insuficientes – da ausência de visão e de uma política museológica consistente.

Entre 2020 e 2021, as medidas para combater a crise pandémica levaram ao encerramento de muitos museus, um pouco por todo o mundo. Desde logo, os relatórios produzidos pela UNESCO (Museums

Around the World in the Face of Covid-19, Maio 2020) e pela NEMO – Network of European Museums Organisations (Survey on the Impact of the COVID-19 Situation on Museums in Europe: Final Report, Maio 2020), entre outros, sublinhavam, de modo global, a forma reactiva como os museus responderam com actividades no espaço digital, com consequente incremento das visitas online. No entanto, a crise pôs a descoberto muitas das desigualdades entre os museus, acentuando a percepção mais imediata das suas fragilidades e carências. Como sugerem os já citados relatórios da UNESCO e da NEMO, os museus menos equipados (recursos humanos e financeiros, infraestruturas, competências) tiveram menor capacidade de reação e de actuação. Quanto à realidade portuguesa, e no cenário pré-crise, a investigação desenvolvida no âmbito do projecto Mu.SA já evidenciava que a relação dos museus com o digital era, de um modo geral, insuficiente, exigindo conhecimentos e recursos que não existem ou são claramente limitados. A crise veio acentuar estes constrangimentos de partida.

a crise pôs a descoberto muitas das desigualdades entre os museus

Em 2019 fui chamada a participar no Grupo de Projecto "Museus no Futuro", uma iniciativa do Ministério da Cultura (Resolução do Conselho de Ministros n.º 35/2019, de 18 de fevereiro). Ensaiando uma iniciativa inédita, o Grupo foi criado para propor recomendações que pudessem ser vertidas em medidas de política pública no horizonte temporal 2030, considerando a sustentabilidade, a acessibilidade, a inovação e a relevância dos museus e do património na sociedade. De cerca de um ano e meio de trabalho resultou o relatório "Museus no Futuro", coordenado por Clara Frayão Camacho (Direção-Geral do Património Cultural), que foi entregue à Ministra da Cultura em Novembro de 2020. Amplamente participado pela comunidade de profissionais de museus, este Relatório debruçou-se sobre o universo de 37 museus, palácios e monumentos sob a alçada da Direção-Geral do Património Cultural e das Direções-Regionais de Cultura. Com base num diagnóstico deste panorama, propõem-se 50 recomendações em torno de cinco eixos temáticos: gestão, redes e parcerias, gestão de colecções, públicos e mediação, incluindo a transformação digital.

As recomendações para a transformação digital assentam sobretudo na necessidade de ampliar a capacidade de adaptação dos museus a condições mais atualizadas e exigentes, em que também se reconhecem maiores expectativas por parte dos públicos. As recomendações concentram-se em torno de quatro pilares interdependentes: o fortalecimento das infraestruturas e da capacidade digital; a aposta na digitalização das colecções e na promoção do acesso; o reforço de parcerias com outras entidades (como bibliotecas e empresas do sector das tecnologias de

As recomendações para a transformação digital assentam sobretudo na necessidade de ampliar a capacidade de adaptação dos museus a condições mais atualizadas e exigentes

informação), incluindo centros de investigação no sentido da desejável transferência do conhecimento com aplicabilidade para os museus e para o património; e, por fim, mas não menos importante, a capacitação e a estratégia em sintonia com uma necessária mudança de mentalidades e de lideranças capazes de dar resposta a novos reptos.

Se a possibilidade de incrementar meios, recursos e parcerias para robustecer os serviços dos museus se consideram elementos fundamentais para alavancar a transformação digital, não menos essencial é a promoção do recrutamento e da capacitação de profissionais com novos conhecimentos, especialização e competências. A capacitação das lideranças e das equipas de museus é, nesse sentido, uma via privilegiada e fértil para instigar a mudança, no sentido de uma atitude mais informada, mais crítica e mais criativa, que possa, assim, estimular um pensamento mais estratégico sobre o lugar do digital nos museus e de que forma pode potenciar a missão de cada museu. É essa capacidade e reflexividade crítica que deve ser incentivada e alimentada. As recomendações a que aludimos não sugerem uma meta única, formatos ou fórmulas prescritivas aplicadas indiferenciadamente, mas, identificam pilares de mudança vertidos em medidas concretas que possam garantir que cada museu possa capacitar-se para desenvolver a sua estratégia e comprometer-se com a sua missão de serviço público. Não se trata de perseguir a introdução de tecnologias como um fim em sim mesmo, mas perspectivar as tecnologias, na miríade de formatos e linguagens que vão aparecendo, como possibilidades para que os museus possam expandir a sua relação e comunicação com os públicos, cativar e criar mais espaços de envolvimento e de participação. Isso implica um necessário e contínuo questionamento da inevitabilidade das tecnologias, do que se faz, porque se faz e com que objectivos, requer análise crítica e avaliação do que é essencial e o que não é essencial.

É urgente dar sentido às recomendações do Relatório “Museus no Futuro” por via de uma política pública que seja capaz de prover os meios e as condições para um desenvolvimento integrado e sustentado do tecido museológico do país. Face às conhecidas múltiplas carências infraestruturais (e confrangedoras) dos museus, é preciso garantir a correção das assimetrias, que só as políticas públicas podem ultrapassar. Mais do que a inevitabilidade da transformação digital, é preciso assertividade e exercício crítico, num tempo de finitos recursos. E se o Plano de Recuperação e Resiliência coloca uma das tónicas na “transição digital”, isso não nos deixa descansados, é preciso garantir que também os museus sejam contemplados na distribuição de recursos. Mas para além disso, que a aposta no digital possa ser de facto suporte para o que é essencial, com base num pensamento estratégico e estruturado, que permita, por sua vez, estimular o desenvolvimento dos museus.

Não se trata de perseguir a introdução de tecnologias como um fim em sim mesmo, mas perspectivar as tecnologias, na miríade de formatos e linguagens que vão aparecendo

Sobre a investigadora[1]

Ana Carvalho é Investigadora de pós-doutoramento no Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) e Professora de Museologia na Universidade de Évora. Doutoramento em História e Filosofia da Ciência, especialização Museologia e mestrado em Museologia. Membro do Grupo de Projecto Museus no Futuro (2019-2020), uma iniciativa do Ministério da Cultura com o objectivo de propor recomendações de política pública para o sector dos museus e do património. Investigadora no projecto internacional Mu.SA – Museum Sector Alliance (2016-2020). É uma das fundadoras da revista MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares. Coordenou o Boletim do ICOM Portugal (2014-2018). Autora do blogue "No Mundo dos Museus". A sua investigação tem-se centrado em temas do património, da história da museologia e da museologia contemporânea.

Músculos e pensamento testados para além do máximo, resistência desafiada ao limite. Ser "capaz"… de se superar, de mergulhar fundo no interior do seu ser para encontrar força em jeito de enganar o corpo e a mente a suportar mais uma hora. Bruno Rentes é Engenheiro Agrónomo e desempenha atualmente a função de Gestor de Atividades Agropecuárias da Herdade da Mitra na Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora, mas é também um homem "capaz": de terminar uma e outra Ultramaratona[1] e de seguir sempre em frente nos mais de mil quilómetros das provas e da vida, um desafio que agarrou há apenas três anos.

Bruno Rentes

UM PÉ À FRENTE DO OUTRO, NA ULTRAMARATONA QUE É A VIDA

[fotografia **Carlos Neves**]

Refere no testemunho que deu para o livro "State(ment) of life" que sentiu toda a sua vida que era um "quase" De que forma participar numa ultramaratona contribuiu para agora se sentir um "capaz"?

Há em cada um de nós algo especial, algo que cabe a cada um descobrir, um "nível" diferente das nossas capacidades que podemos alcançar se estivermos dispostos a percorrer esse caminho duro. Esse algo certamente que nos fará sentir capazes, capazes de tudo. No rescaldo da minha primeira prova, que consistiu em 281km pela Beira Baixa em autossuficiência non-stop ao longo de 66h, senti que era capaz de tudo, que se conseguia correr 281km os problemas do dia a dia tornavam-se minúsculos, os desafios insignificantes. Naquele momento era capaz de tudo. Comecei a correr apenas em 2017 após uma fase muito complicada da minha vida, mas de facto aquilo que retiro das provas, muito mais do que as classificações, medalhas ou qualquer outra recompensa material, são as vivências que estas me proporcionam, a marca que deixam em mim. Ultramaratonas com mais de 100km conto com uma dezena, as outras tantas não as contabilizo…

Como se prepara para uma prova desta exigência física e psicológica? E de facto, está-se realmente preparado?

A preparação é longa, nenhum grande feito é conseguido sem sofrimento. Na realidade, o empenho terá que ser total. A confiança vem da preparação, do treino, das longas horas que passamos a correr bem como da vontade inabalável de terminar. O nosso corpo é uma máquina impressionante, que pode muito mais do que aquilo que julgamos, basta abraçarmos a dor, encarando-a não como um cas-

Prova PT281+ ▶
julho de 2018
[fotografia **João Pedro Jesus**]

tigo, mas sim como uma forma de sabermos que estamos vivos, que caminhamos no sentido certo. Sabemos de antemão que a determinado momento o nosso corpo vai ceder, a nossa preparação física vai falhar e aí resta a motivação, aquela vontade de estar ali, aquilo que nos move. Há no olhar de cada ultramaratonista algo, uma razão especial para estar ali, e é aí que reside a chave do sucesso no caminho para a meta.

E como se encaixam as múltiplas horas de preparação na rotina?

Gosto de pensar que treino todo o dia, pois a forma como encaro os desafios pessoais e profissionais por si só já são parte do meu treino. A resiliência, o empenho, o foco e a vontade de ultrapassar as dificuldades do dia a dia são uma preparação para a prova em si. Tudo o resto é apenas um pé à frente de outro, encontrar a cadência e correr…. Normalmente treino 7 dias por semana, uma média de 3-4 horas por dia, sendo que durante o fim de semana tento encaixar um treino longo de 5-7 horas a correr. Inicialmente corria e treinava sozinho e geria o esforço de acordo com a forma como me sentia, o que nem sempre era o mais eficaz. Para 2021 decidi correr 4 dígitos, 1001 km, a primeira prova desse género em Portugal, e para me preparar tenho contado com a ajuda do professor Orlando Fernandes, docente do Departamento de Desporto e Saúde da Universidade de Évora, que tem sido uma mais-valia enorme para a minha preparação.

> **“ Gosto de pensar que treino todo o dia, pois a forma como encaro os desafios pessoais e profissionais por si só já são parte do meu treino.**

Falamos de provas de muitos quilómetros sozinho, apenas com o “eu interior”. O que passa pela cabeça?

São mesmo muitas horas, muitos quilómetros a “sós”, esse é o desafio adicional que acresce ao desafio físico. Cada um lida com isso de uma forma diferente. Ensinei-me a “sair dali”, a levar o meu pensamento para outro lado. O meu corpo permanece em movimento, a dor e o cansaço não posso evitar, mas o pensamento é livre de ir para onde eu quiser. Em relação a uma das maiores ultramaratonas em que participei, um dos vencedores diz que é ali que se vai se se quiser falar com Deus, e eu faço muito isso, rezo, pois, a fé dá-me força. Penso em lugares, momentos e pessoas que me fazem feliz… no sorriso do meu filho… na promessa que fiz de nunca desistir de nada nesta vida, e sigo na cadência, um pé à frente do outro, até à meta.

Quem corre por gosto… Não (se) cansa?

Fisicamente cansa, cansa muito. Não escondo o quão difícil é correr uma distância acima de 100km, mas não temos que ser super-heróis nem ser sequer um superatleta; na equação o único superpoder necessário é a determinação inabalável. Em 2004 fui submetido a uma ligamentoplastia e disseram-me, quando comecei a correr, que o meu joelho dificilmente suportaria o esforço de correr 100km. Entretanto, já passaram vários 100kms e ainda aqui estou. Algumas provas implicam várias noites sem dormir, sempre em movimento. As dores, o sono, o cansaço…

“ na equação o único superpoder necessário é a determinação inabalável

▲ **Prova PT281+**
julho de 2018
[fotografia **Ruben Fueyo**]

aquilo que mais me impressionou em prova foram as alucinações, quando o corpo é levado muito além das suas capacidades este é um efeito secundário comum; atletas completamente perdidos num mundo imaginário, com o olhar vazio, focados em algo que não está ali. Felizmente nunca me aconteceu, mas a primeira vez que presenciei impressionou-me muito.

O sucesso para terminar a prova reside simplesmente no facto de dizer não ao corpo. Uma pessoa que muito admiro dizia em relação ao corpo que “antes ter um escravo do que ser escravo teu!”. A nossa vontade de continuar terá que ser sempre superior ao desejo de ouvir os lamentos do corpo, e ele lamenta-se, muito.

Ultra Trilhos dos Reis Portalegre 50km ►
janeiro de 2020
[fotografia **IVO B**]

Nestas provas nas quais não existe competição pelo pódio, uma vez que todos os participantes recebem o mesmo reconhecimento no final, qual é o prémio que se leva para casa?

Aquilo que cada um de nós leva para casa é acima de tudo um conjunto de experiências extraordinárias que nos deixam uma marca para o resto da nossa vida, que nos inspiram e fazem inspirar, que nos motivam e nos levam a acreditar que somos capazes de tudo, que nenhum obstáculo na nossa vida é mais forte do que a nossa vontade de o ultrapassar. Esse é o derradeiro prémio. As ultradistâncias têm tanto de coletivo como de individual. Temos enquanto seres humanos uma tendência natural para nos juntarmos, somos seres gregários. Nestes desafios não é diferente, procuramos a segurança e o conforto no próximo. É tanto vencedor o primeiro como o último, a ausência dessa ambição pela competição revela o melhor em cada um e o espírito de entreajuda torna-se dominante. Fazemos da vitória do outro a nossa própria vitória.

A ultramaratona pode ser uma metáfora da vida?

Julgo que o desafio inerente a uma ultramaratona é sem dúvida uma perfeita metáfora da vida. A vida não é uma corrida de 100 metros, mas sim uma longa caminhada. Tal como numa destas longas provas há altos e baixos, desânimo e euforia, obstáculos imprevisíveis, impossíveis de antecipar que só com determinação e vontade de vencer se conseguem

▲
LUTA, Leziria Ultra Trail de Almeirim 50km
março de 2018
[fotografia **Bernardete Morita**]

Sobre Bruno Rentes
Nascido em Évora no ano de 1978, foi em 2005 que ingressou no curso de Engenharia Agrícola da Universidade de Évora, tendo-se formado em 2009, altura na qual abraçou a oportunidade de estagiar na UÉ/ZEA – Sociedade Agrícola Unipessoal. Transcorrido um ano, foi convidado a assumir o cargo que desempenha há já doze anos, o de Gestor de Atividades Agrícolas da Herdade da Mitra da UÉ.

ultrapassar. Não importa tanto o destino porque esse nós sabemos qual é, mas sim o caminho, a viagem, as aprendizagens que daí retiramos, os amigos que fazemos, as vivências que jamais esqueceremos. A capacidade que todos temos de deixar uma marca naqueles que se cruzam connosco e de, ao mesmo tempo, abraçar a marca que eles deixam em nós. Foi também uma das melhores experiências que retirei deste tipo de desafios, a de me conhecer realmente, de saber quem sou, até onde posso ir e daquilo que sou realmente capaz. Essa viagem foi, para mim, extraordinariamente gratificante, descobri em mim qualidades que julgava não ter, força que achava impossível existir em mim. Se isto faz de mim um melhor ser humano? Faz de mim um ser humano mais consciente de quem é e daquilo de que é realmente capaz.

Ano novo, novos desafios? Como se tem preparado para a grande prova de 2021?

O próximo desafio será algo com o qual sonho desde que completei a primeira prova de 3 dígitos, uma prova de 4 dígitos. Serão 1001kms, entre Guimarães e Sagres, cruzando o país de Norte a Sul, ao longo de 14 dias. Para mim será o derradeiro desafio: uma média de 72km por dia. A preparação tem sido dura e longa, como seria de esperar para um desafio desta dimensão, mas felizmente encontrei no Professor Orlando Fernandes um apoio extraordinário e fundamental, tanto na organização dos planos de treino como no aconselhamento técnico. No ano de 2021 já conto com muitos quilómetros somados, muitas horas de treino, segundo a aplicação que uso para monitorizar os treinos já estou perto dos 2400kms percorridos, o que representa mais ou menos 240 horas a correr. Para uma prova desta dimensão a única forma de treinar é correr, correr muitos quilómetros para familiarizar o corpo ao esforço que se avizinha.

A prova "Portugal 1001 – Real Lendário" decorre entre os dias 26 de setembro e 9 de outubro, passando pela cidade de Évora a 4 de outubro de 2021. Em véspera de feriado nacional quiçá seja um bom plano deixar-se inspirar por esta excelente "prova" de resiliência coletiva.

[1] É considerada Ultramaratona toda a prova de corrida pedestre com distância superior a 42, 195 quilómetros. Outro dos critérios que define uma ultramaratona é a duração da mesma em função do número de quilómetros a percorrer. Os atletas que participam neste tipo de provas preparam-se de forma independente de qualquer estrutura, sendo que atualmente existem várias entidades por detrás da organização de cada prova específica.

Margarida Carreiras ▸
"Como um Todo"

Num mundo em que a tecnologia e o entretenimento ocupam grande parte dos nossos dias Margarida, Hoana e João, artistas e alunos, celebram a Arte, a Cultura e a Literatura e convidam-nos a interromper o ritmo frenético dos dias através de criações que, mais do que refletir o presente, dão voz ao futuro.

ARTE PARA LER COM OLHOS DE VER

Tendo por base 33 volumes de Enciclopédia desmaterializados do seu uso primordial ligado ao conhecimento, um coletivo de alunos da Licenciatura de Artes Plásticas e Multimédia, e do Mestrado de Práticas Artísticas em Artes Visuais, foi desafiado a representar de forma evocativa o impacto que a Arte e a Literatura podem ter nas nossas vidas.

Por meio de diferentes expressões artísticas – pintura, escultura e instalação com recurso a elementos multimédia e audiovisuais - homenagearam, através da exposição Livro-Experiência.pages of freedom, o Livro enquanto objeto físico, mediador de conteúdo cognitivo e, neste caso, universo de possibilidades plásticas, transformando-o em objetos artísticos, cuja narrativa passou a existir no plano da materialidade.

Margarida Carreiras, aluna do 1º ano da Licenciatura em Artes Plásticas e Multimédia, é natural de Portalegre, no Alto Alentejo, e, apesar de estar ainda a iniciar o seu percurso no domínio das Artes, mostra-nos, através da sua peça, que há mais no mundo além do que a vista alcança.

aqui e agora

A sua obra “Como um todo” é baseada na teoria das inteligências múltiplas “que defende a existência de várias capacidades cognitivas humanas” e “manifesta-se como um globo que emerge de uma enciclopédia”, explica Margarida.

O seu projeto chama a atenção para a necessidade de repensar o conceito de inteligência como algo que engloba, não só o conhecimento dogmático, mas que se expande também no domínio de competências como as Linguísticas, Interpessoais, Existenciais, Musicais, Naturalistas, Lógico-Matemáticas, Corporais-Sinestésica e Espaciais-Visuais.

“A inspiração do globo que desponta do livro da enciclopédia surge como uma forma de representar o conhecimento como um todo. Uma maneira de globalizar e de incluir todas estas possíveis formas de saber. As páginas rasgadas da enciclopédia que foram coladas de uma forma desordenada e espontânea representam as ideias e formas de saber em cada parte do mundo”, esclarece Margarida, que sublinha “Nós criámos o próprio conceito de conhecimento e por isso temos que valorizar todas as suas distintas formas de manifestação”.

Foi esta perceção de que cada ser humano possui qualidades e capacidades, ainda que distintas, que a levou a escolher este tema e criar uma metáfora visual através de “uma peça tridimensional com algum impacto para cativar a atenção do olho humano. Considero que seja uma obra com um valor mais conceptual do que propriamente visual. Aos olhos de algumas pessoas pode parecer um pouco tosco, mas julgo que dessa forma vai contra a ideia da “esfera perfeita”. E apela ao sentido da irregularidade e desigualdade que é pretendida na peça”.

▲
Hoana Bonito
“O cosmos no teu olho (ou a ser completado com a sua opinião)”

Outra peça capaz de cativar o olho humano é a obra de Hoana Bonito, aluna do 1.º ano do Mestrado de Práticas Artísticas em Artes Visuais, e autora da peça "O cosmos no teu olho (ou a ser completado com a sua opinião)".

Natural de Brasília, esta artista plástica, jornalista, fotógrafa e especialista em Artes Visuais, tem dedicado os seus últimos anos a levar o universo artístico a pessoas com deficiência visual.

Através do ensino da Fotografia e da História de Arte, Hoana tem procurado quebrar as barreiras que separam a comunidade invisual do mundo da arte e da fruição estética, superadas com recurso a novas formas de ver, outras sensibilidades.

A sua peça, também ela ancorada na visão, enquanto sentido, remete o observador para o impacto do olhar singular de cada um para a construção da perceção. É, de acordo com Hoana, "um convite à participação do espectador numa espécie de performance guiada" que é formada ou transformada por cada indivíduo.

"A ideia é fazer pensar o protagonismo do olhar de quem está a apreciar a obra, para isso, além de um buraco que forma uma espécie de túnel que leva a um espelho, a obra conta ainda com uma chamada para ação, para que o espectador manuseie, abra espaço ao acaso e a sua interpretação".

Através do livro que Hoana concebeu, e no qual

◄ **Hoana Bonito**
"O cosmos no teu olho (ou a ser completado com a sua opinião)"

incorporou um espelho, o espectador, ao ser confrontado com o seu próprio reflexo, adota um papel ativo no processo de interpretação. O seu ponto de vista molda a experiência e a receção da obra que apenas ganha sentido em função de quem reflete.

É deste diálogo entre a obra e o público que vive a peça "O cosmos no teu olho (ou a ser completado com a sua opinião)", evidencia Hoana, "A minha peça faz pensar na importância que os livros têm na vida de cada pessoa, já que apenas o olhar do espectador completa a obra, um olhar atento e alguma intenção podem dar o tom a qualquer mensagem. Sendo assim, é bom que o autor tenha em mente que os livros podem fazer pensar e sentir de acordo com todo o conjunto de experiências que o leitor já teve. Essa conexão autor-público é o que faz de cada livro único e é aí que mora a importância dos direitos do Autor, que merece ter reconhecimento e ser valorizado pelo seu trabalho".

João Espanca Bacelar ►
"Homopaideia"

Com uma carreira consolidada no mundo das artes e do audiovisual, João Espanca Bacelar, também ele aluno do 1.º ano do Mestrado de Práticas Artísticas em Artes Visuais, soma no seu percurso profissional trabalhos enquanto técnico de rádio, formador de audiovisuais, realizador, músico e técnico de artes performativas.

Mas a longa experiência que tem nestas áreas não o afasta de continuar a sua busca incessante pelo conhecimento e criação artística.

"Com o convite para intervir de forma artística num dos tomos da enciclopédia pareceu-me oportuno fazer uma reflexão de como a humanidade pode ou não ser representada pelo conhecimento enciclopédico. Afinal uma enciclopédia pretende ser uma descrição aproximada do conhecimento humano. Por outro lado, este género de compêndios também ajuda a 'fabricar' o ser humano, esta característica humana de processo autoconstrutivo que se prolonga desde a invenção das escritas fez-nos sair da experiência existencial de vivermos no momento para projetarmos a consciência pelo tempo" aprofunda João, que escolheu, através da sua peça "Homo-paideia", destacar a "ligação quase amniótica entre o Livro e o Ser Humano" e representar o conceito de Paideia, originado na Grécia Antiga.

Baseada na ideia que nos chega da Antiguidade Clássica, que crê que os seres humanos são alimentados por um *corpus* de conhecimento estabelecido e que se desenvolvem através de um sistema de educação completo e plural, a obra de arte aproveitou, de acordo com João, "as imagens da anatomia humana presentes numa secção do livro para simbolizar com fios elétricos que estamos ligados à própria enciclopédia como que a uma unidade de transfusão. Algumas ligações em aberto representam o mundo 'exterior' a este sistema Homo-paideia".

Esse mundo exterior, extrínseco ao circuito fechado que nos estimula o intelecto, é alimentado e ampliado por novas experiências e por reflexões como as que as criações de João, Hoana e Margarida proporcionam.

"Quem procura uma exposição procura sair mais rico interiormente", revela João. "Sobretudo numa exposição contemporânea procuramos ser surpreendidos. Acho importante dizer que, na minha perceção, a arte contemporânea precisa de ajuda para chegar a maiores públicos. Precisa de ajuda para ser entendida e conseguir cumprir a sua missão de surpreender e abrir mentalidades pois compete com formas de entretenimento extremamente hipnóticas e aceleradas que desabituam os jovens cérebros da procura de significados sublimes", esclarece.

"Vivemos a maior fragmentação do conhecimento e não é por falta de informação, é por excesso. Penso que a arte contemporânea pode ajudar no desenvolvimento de pensamento sensível e profundo. Afinal, as artes sempre o fizeram embora em formas e circunstâncias distintas."

Para Hoana, esta iniciativa também serve para ampliar "o ponto de vista do público, ao fazer uma relação entre artes visuais e leitura. Poder fruir das artes visuais num ambiente feito para os livros, faz ver as artes visuais como algo mais próximo do mundo do conhecimento e utilização prática" opinião que é partilhada por Margarida que considera que "este tipo de iniciativa pode de facto chegar a alterar a forma como o público se relaciona com a arte. Quanto mais destaque se aplicar a este tipo de projetos, mais probabilidade há de eles virem a ganhar o devido reconhecimento".

São três gerações distintas, que em comum partilham a paixão pela arte e pela capacidade de expressão verdadeira, capaz de transmitir elementos imateriais, de manifestar sensações e sentimentos, de estimular a consciência e a sensibilidade do público.

Além destas obras, a exposição é integrada por mais 3 dezenas de obras de alunos, caracterizadas por perspetivas singulares, visões distintas, mas que em comum têm o facto de todas elas reconheceram a importância e a utilidade dos Livros, seja enquanto meio de transmissão de cultura e conhecimento ou, neste caso, enquanto matéria plástica e elemento visual capaz de encerrar em si conceitos complexos que suscitam a reflexão. É na interação entre o observador e o artista/peça que esta exposição ganha vida, através de livros que apesar de encerrarem em si diversas conclusões, que não precisam de ser lidos para serem compreendido, porque, por vezes, uma imagem vale mais do que mil palavras.

A exposição Livro-Experiência.pages of freedom pode ser visitada no Corredor de acesso à Sala das Bellas Artes da Biblioteca Geral, no Colégio Espírito Santo, e na Biblioteca Jorge Araújo da Escola de Artes, no Colégio dos Leões.

Exposição Livro-Experiência.pages of freedom
Corredor de acesso à Sala das Bellas Artes,
Colégio Espírito Santo,

Tiago Cabeça ►
com a sua peça "O rei das bifanas
e o príncipe do cachorro"

É no meio do montado alentejano, em Arraiolos, que nascem as criações de Tiago Cabeça, um artista que tem moldado o seu percurso com a mesma criatividade e mestria com que transforma um pedaço de barro numa obra de arte. O seu cunho singular, que nos permite identificar as peças da sua autoria, é fruto de um caminho ímpar repleto de conquistas e reviravoltas e marcado pela dedicação e fascínio pela arte popular.

TIAGO CABEÇA E A BARRÍSTICA

DA PEÇA IMAGINADA À PEÇA CRIADA

O Rei das
BIFANAS
O Príncipe de
CACHORRO
Very Tasty
HOT-DOG

essência

Tiago Cabeça ►

Em 1987 atravessou a "cortina de Ferro" e ingressou no Politécnico de Kiev para estudar Programação de Computadores. "Em Évora ficou disponível uma bolsa de estudo para a URSS. Aparentemente mais ninguém a quis, eu aceitei. Tinha 17 anos e foi uma aventura!", explica Tiago com um misto de naturalidade e deslumbramento, enquanto recorda que esta experiência "foi mais que uma bolsa de estudo. Foi uma experiência social, creio, que me mostrou sobretudo a grande amplitude de comportamentos e realizações do ser humano".

"Acho que foi esse maravilhamento, mais que a vontade de estudar ciências exatas, que me manteve alguns anos num país de onde só podia sair no verão de férias, e em que tinha de marcar com uma semana de antecedência uma chamada de cinco minutos para casa", contudo, o destino encarregou-se de lhe trocar as voltas e, com o fim da União Soviética, Tiago regressa a Portugal e, em 1992, retoma os estudos em Engenharia de Processos e Energia, na Universidade de Évora. No entanto, como o próprio confessa "as ciências nunca foram, de facto, o meu apelo".

Quando em 1998 visita, em São Pedro do Corval, a Olaria dos Mestres Orlando Guimarães e António Velho, estava longe de saber que aquele momento seria impulsionador da sua carreira artística.

Seja pelo peso das suas origens, seja pela sua vocação para a prática artística, Tiago traça uma nova rota, sem um destino definido, mas com a convicção de que o percurso, tal como o barro, se vai moldando de forma intuitiva.

"Resolvi trazer barro para casa para fazer peças utilitárias de olaria, como pratos, potes, cinzeiros... mas como não saía nada de jeito coloquei essa ideia de parte". E assim iniciou a sua aventura na tradição milenar da olaria, cujos processos se mantêm, até à atualidade, praticamente inalterados.

Ontem, como hoje, a argila, forma mais pura do barro, encontrada abundantemente na terra, transforma-se em ânforas, vasos, potes, que, mais do que que objetos quotidianos, são testemunhos de mãos longínquas que sobreviveram à passagem do tempo.

Mas, nem só de peças utilitárias vive a olaria. O processo de modelação ancestral, replicado continuamente, geração após geração, originou também a olaria criativa, uma manifestação artística complexa, capaz de expressar os sentimentos e anseios que habitam a imaginação, faculdade que, até aos dias de hoje, nos move e alimenta.

É, precisamente, neste campo fértil da imaginação que Tiago viu florir a sua veia artística "Comecei a fazer figuras. De início um bocado envergonhado, por estar a fazer "bonecos" com a minha idade (na altura quase 30 anos); não parecia coisa séria. Mas fui ganhando confiança, a família e os amigos gostavam, e assim se começou a tornar coisa mais séria".

Um ano mais tarde, muda-se para o, então, recém-inaugurado curso de Artes Plásticas e começa a dar os primeiros passos na vida profissional de artista e expõe as suas primeiras criações. Cerca de dezena e meia de peças, a que chamou "A procura de um corpo" que o confrontam, enquanto artista, com a

▲
“Presépio”
Tiago Cabeça

procura da sua identidade no vasto mundo das Artes.

"Logo aí nessa altura se estabeleceu a escolha entre dois caminhos artísticos: o da chamada arte erudita contemporânea ou o que se convenciona chamar (erradamente) de artesanato que na realidade é Arte Popular. Artesanato é o processo de reproduzir ou copiar objetos, porventura manualmente. Ou seja, sem criar nada de novo, sem criatividade. Arte, sim, é a conceção original e criativa de um objeto. Arte erudita pressupõe uma aprendizagem de processos, porventura académica. Arte popular é criatividade *naïf*, ingénua sem estudos ou academismo", esclarece Tiago.

> **"Artesanato é o processo de reproduzir ou copiar objetos, porventura manualmente. Ou seja, sem criar nada de novo, sem criatividade. Arte, sim, é a conceção original e criativa de um objeto.**

Foi por entre estes universos distintos que navegou até encontrar o seu lugar "Eu nessa altura fiz a escolha do universo da arte popular figurativa e também me tornei um artesão. Sempre que crio um presépio diferente, por exemplo, sou um artista popular. Sempre que o reproduzir cinquenta vezes, sou também um artesão. Isso acontece muito, mas nem sempre. Muitas são peças únicas".

É esta liberdade de criação que valoriza no seu trabalho e no percurso que traça há mais de duas décadas. "O mercado da arte popular é menos exigente que o mercado da arte contemporânea. Também se poderá dizer que é mais livre. Não estaremos porventura tão à mercê de clientes ou galeristas. Fazemos peças pequenas que se podem vender com facilidade em qualquer feira ou pequena exposição. As peças são mais baratas, geram menos retorno, mas o leque de clientes é consideravelmente maior".

E, apesar das temáticas procuradas por esses clientes serem sobretudo as caricaturas e as temáticas religiosas, o seu trabalho artístico, conhecido por ser contemporâneo, é original e inconfundível. "Os artistas e artesãos ou copiam modelos de sucesso que existam (Estremoz, Barcelos, etc.), sem que isso os leve muito longe na profissão, ou interpretam-nos. E neste caso a trabalhar fazem a diferença entre si porque cada um tem o seu traço, quer se queira quer não. O traço de cada um é individual e normalmente reconhecível".

O repertório original de Tiago demonstra-o. O seu traço marcado, que o tempo foi suavizando e tornando mais delicado e subtil, dá vida a tudo aquilo que povoa a sua imaginação. "A arte é uma expressão. A idade altera-a. No começo da juventude temos a expressão "à flor da pele". Depois vai-se tornando mais madura e discreta", explica Tiago, artista e alquimista, capaz de transformar, através do barro, a fantasia em realidade.

"Criar é um exercício de liberdade e paixão. Ou seja: podemos pensar a obra, mas é no decorrer da elaboração que ela surge. Atua-se. Escolhe-se um

tema e desenvolve-se. O traço de cada um surge por si porque cada pessoa tem a sua forma de fazer as coisas, de manipular o barro, de sentir um tema. Não se ensina. Faz-se“, revela Tiago acerca do seu processo criativo.

“O resto é o processo da cerâmica normal de qualquer olaria ou atelier: amassar o barro, modelar a peça, secar durante dias ou semanas, cozer em forno cerâmico entre os 800 e os 1000ºC, pintar a seguir ou, se for o caso, esmaltar, vidrar, engobar e voltar a cozer estas coberturas”.

E são estes detalhes que expressam a individualidade que reside dentro de cada um. “Acredito que existe mercado para todo tipo de expressão.”, acrescenta. “Portanto a opção será fazermos o que gostamos ou o que dá mais dinheiro. Raramente se consegue o pleno de ambas as coisas. Eu nunca consegui trabalhar exclusivamente em função do dinheiro. Escolhi sempre a liberdade de fazer o que gostava”, confessa Tiago.

E o seu percurso profissional e artístico é a prova disso mesmo. Abriu atividade artística e artesanal e fundou diversos projetos que lhe deram a possibilidade de viver da arte. “A Oficina da Terra foi o meu primeiro atelier/galeria de arte, em Évora. Iniciei em 2001 e esteve de portas abertas na elaboração, exposição, e concretização de encomendas e peças de arte até 2013.” Ano em que as quatro paredes do atelier se tornaram demasiado pequenas para acolher um projeto maior, levado a cabo desde 2011: A Aldeia da Terra.

Também conhecida como a Aldeia mais Caricata de Portugal, este jardim de esculturas a céu aberto pôs Arraiolos no mapa da cerâmica artesanal e o seu figurado de barro no imaginário dos mais de 60 mil

Junta
de
Freguesia

visitantes que recebeu até 2017, ano em que fechou portas. “Foi declarada de interesse cultural pelo ministério da cultura e quatro ministros da cultura distintos. Nunca foi deficitária, foi sempre um projeto autossustentado, que gerou retorno e um sucesso de popularidade. Mas dava imenso trabalho.” E Tiago tinha outros sonhos. Este, permanece vivo em cada um dos seus visitantes e para o artista, “Valeu por cada dia que esteve aberto. De qualquer forma são projetos que continuam de forma imaterial, pois o meu trabalho de investigação atual baseia-se neles e dá-lhes continuidade”.

Nos últimos anos apostou no seu percurso académico, também ele ligado ao barro. Investigador e historiador, está desde 2018 a desenvolver o tema da Criatividade na Arte barrística, enquanto doutorando do HERITAS – Estudos de Património, um programa doutoral em associação, integrado pela Universidade de Évora e a Universidade de Lisboa.

Para Tiago, o barro é mais do que a matéria que lhe passa pelas mãos, é mais do que uma herança cultural ou tradição, é uma forma de expressão, é o elemento através do qual representa o seu imaginário criativo. “Creio que a arte é uma expressão e quem a faz necessita de o fazer. Gosta. Tem paixão por isso. Nunca me considerei continuador ou guardião de tradições. Faço porque gosto. Tenho uma expressão própria, reconhecível, que as pessoas valorizam. Por sorte até me pagam. Num mundo onde cedemos, todos os dias, a nossa felicidade e a nossa liberdade para garantirmos o nosso sustento e dos nossos filhos, sinto-me afortunado por poder viver daquilo que me apaixona e liberta. Todos os dias estou grato por isso. É uma sorte que eu tento retribuir no meu trabalho a quem o aprecia”.

Sobre o investigador

Tiago Cabeça é Licenciado em Artes Visuais (2016), Mestre em Práticas Artísticas (2018) e Investigador no Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora (CHAIA). Tiago Cabeça é Ceramista, Designer e um dos artistas plásticos mais conceituados no panorama da Cerâmica Figurativa e Caricatura de Humor em Portugal.
Fundador do projeto Aldeia da Terra, o primeiro parque temático escultórico de autor em Portugal, encontra-se, atualmente, dedicado ao tema da Criatividade na Arte Barrística na sua tese de Doutoramento em História da Arte, no Instituto de Investigação e Formação Avançada da Universidade de Évora (IIFA).

EXPLORAR A GEOLOGIA* LUNAR... O RESULTADO DE UM ACASO... OU DE UM ENORME CONJUNTO DE ACASOS...

por **Rui Dias**[1]

[Este artigo é redigido segundo o Acordo Ortográfico de 1945]

▲ **Face visível da Lua** onde são bem visíveis os *mares* circulares de basalto no seio das rochas claras anortosíticas [imagem NASA]

Não sendo a geologia uma área científica que costume ser objecto de financiamentos privilegiados, pode parecer estranho que há cerca de 50 anos os Estados Unidos da América tenham dedicado à geologia um dos mais caros programas de investigação científica de sempre (cerca de 380 mil milhões de Euros a preços actuais). E, para mais, este projecto nem sequer se destinava a estudar a Terra mas sim o seu satélite… a Lua. Com efeito, entre 1966 e 1973 o programa Apollo da NASA (National Aeronautics and Space Administration) realizou 17 missões tripuladas das quais as últimas 7 levaram astronautas a caminhar sobre a Lua. Também pode parecer estranho que o único cientista a pisar a Lua tenha sido precisamente um... geólogo (Harrison Schmitt na última missão Apolo, a 17, em Dezembro de 1972). Mas o que talvez seja mais estranho, é que este interesse pela geologia surgiu no programa Apollo mais como o resultado de um acaso e um interesse tardio, do que algo planeado desde o início.

O programa Apollo aparece no contexto da Guerra Fria quando os Estados Unidos e a antiga União Soviética, bem como os aliados de ambos os blocos, competiam pela hegemonia mundial. Perante alguns sucessos alcançados pela União Soviética (colocação em órbita do Sputnik, o primeiro satélite artificial a 4 de Outubro de 1957 e do primeiro homem no espaço, o cosmonauta Yuri Gagarin a 12 de Abril de 1961) o presidente John Kennedy anunciou a 25 de Maio de 1961 na Universidade de Rice, que antes do final dessa década os Estados Unidos iriam enviar homens até à Lua e trazê-los de regresso a salvo; e, a 20 de Julho de 1969, Neil Armstrong e Edwin Aldrin

zoom

▲
Os primeiros homens que caminharam na Lua (Armstrong e Aldrin) durante uma das saídas de campo na Terra em que aprenderam a observar e interpretar as rochas. [fotografia NASA]

tornaram-se os primeiros homens a caminhar na Lua. A conquista da Lua é pois essencialmente o resultado de uma luta pela supremacia tecnológica entre as grandes potências, que à partida não tinha nenhum programa científico associado. Mas cedo começou a surgir na NASA a ideia de que, depois de espetarem a bandeira na Lua após a alunagem, era necessário que os astronautas tivessem algo com que se ocupar. Sem atmosfera, solo ou seres vivos para estudar, tornou-se inevitável que a compreensão da geologia lunar se tornasse o objectivo central de estudo das missões Apollo. Isto levou a que os astronautas das missões Apollo fossem submetidos a um treino intensivo de geologia que, para além de aulas teóricas incluiu saídas de campo em locais tão diversos como os campos de lava da Islândia ou o Grande Canyon nos Estados Unidos.

Apesar dos estudos de geologia da Lua pela NASA terem surgido como uma solução de recurso, eles foram fundamentais para compreendermos

melhor a génese da Terra. Com efeito, embora existam vários modelos para a formação do nosso satélite, o mais aceite considera que ele resultou da agregação de partículas ejectadas do nosso planeta há cerca de 4500 milhões de anos pelo impacto com Theia, um proto-planeta com uma massa idêntica à de Marte que terá existido nas fases iniciais de evolução do Sistema Solar. Por isso, tanto a Lua como a Terra ter-se-ão formado por um processo de acreção de partículas com composições semelhantes. Este processo de choque entre as partículas levou a que ambos os corpos fossem inicialmente constituídos maioritariamente por magma devido ao calor libertado por estes choques. Mas se o processo de formação foi semelhante, a evolução que se seguiu foi bem diferente. Com menos de um terço do raio da Terra, a Lua foi arrefecendo muito mais rapidamente do que o nosso planeta. Isto impediu que a Lua desenvolvesse uma tectónica de placas para a qual a existência de um calor interno significativo é fundamental. Por outro lado, a sua menor gravidade (pois é muito mais pequena e por isso tem uma massa menor), fez com que também não tenha sido capaz de conservar uma atmosfera como aconteceu na Terra. Sem tectónica de placas e sem ciclo hidrológico, que continuamente vão renovando / transformando as rochas que existem à superfície do nosso planeta, do ponto de vista geológico a Lua "parou no tempo". Por isso, as caminhadas dos astronautas na Lua e os estudos que resultaram das suas observações e das análises dos 382 kg de rochas que trouxeram para a Terra, foi como olhar para a "infância" do nosso planeta. Uma "infância" impossível de

▼ **Os primeiros homens que caminharam na Lua** (Armstrong e Aldrin) durante uma das saídas de campo na Terra em que aprenderam a observar e interpretar as rochas. [fotografia NASA]

Armstrong e Aldrin ▶ aprendendo a interpretar as rochas a partir de observações de detalhe [fotografia NASA]

estudar na Terra, pois tanto a superfície original do planeta como as rochas então existentes foram sendo continuamente transformadas pela dinâmica dos processos que se mantêm activos na Terra e já não existem. A história da evolução da Lua que foi sendo construída, para além de reservar algumas surpresas, permitia também compreender o porquê das manchas claras e escuras que são tão visíveis quando à noite olhamos para o nosso satélite natural.

Uma história que começa com o arrefecimento do magma que constituía a maior parte da Lua e a formação dos primeiros minerais de olivina, piroxena e anortite. Os mesmos minerais que se formam quando as lavas das ilhas vulcânicas como os Açores ou a Madeira solidificam para formar os basaltos. Mas num enorme oceano de magma, como o que então existiria na Lua, à medida que estes minerais

se formam vão tendo destinos diferentes. Os cristais de anortite, de cores claras, por serem menos densos que o magma, tendem a subir concentrando-se à superfície, enquanto as olivinas e piroxenas por serem mais densas tendem a afundar-se. O continuar deste processo leva a que na Lua se tenha então formado uma crosta superficial de cor clara de uma rocha a que os geólogos dão o nome de anortosito.

Mas os começos de formação do Sistema Solar estavam longe de ser calmos. Se fosse possível recuar no tempo 4100 a 3800 milhões de anos, verificávamos que os impactos de meteoritos, alguns de grandes dimensões, eram então extremamente frequentes. Ao chocarem contra a crosta pouco espessa de anortositos da Lua, provocaram enormes crateras de impacto algumas das quais com centenas de quilómetros de diâmetro. A formação destas crateras fracturou profundamente a crosta anortosítica. Por estas fracturas ascenderam os magmas que ainda existiam nas zonas mais profundas da Lua, os quais inundaram as grandes crateras de impacto. Ao consolidarem estes magmas originaram basaltos negros semelhantes aos que vemos na Terra, que são bem visíveis na Lua constituindo as grandes manchas negras arredondadas a que os antigos chamavam mares.

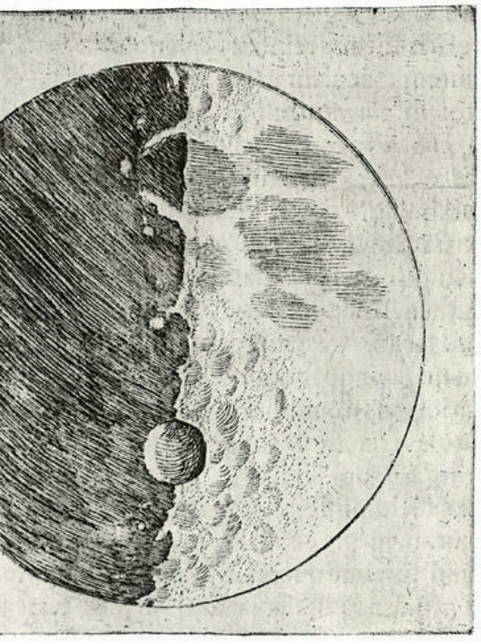
Mas à medida que os planetas do sistema solar foram crescendo, os impactos meteoríticos foram-se tornando mais raros pois a maior parte do material da nebulosa protosolar tinha-se aglomerado para formar os planetas e os seus satélites. Sem tectónica de placas ou atmosfera, a Lua conservou até hoje a aparência que tinha então e que seria muito semelhante à do planeta que orbitava... a nossa Terra.

Mas, ao nosso planeta estava reservada uma história bastante mais agitada. Uma história de evolução muito lenta, mas que ao actuar durante quase

4000 milhões de anos, foi capaz de transformar um planeta de basaltos e anortositos no planeta com a enorme e maravilhosa diversidade em que vivemos. Uma diversidade que vai muito para além das rochas e minerais, pois os acasos deste longo processo acabaram por levar também ao aparecimento da Vida na Terra. Uma Vida que ao evoluir num planeta que também ia evoluindo acabou por nos criar a nós. Uma espécie que ao evoluir ao longo de cerca de 300 000 anos, foi capaz de procurar decifrar o seu passado mais remoto. Um passado no qual o ciclo hidrológico foi transformando, por exemplo, as olivinas, piroxenas e anortites das rochas magmáticas originais em minerais de argila das rochas sedimentares que... ao serem afectadas pelo ciclo tectónico se foram transformando em rochas metamórficas no interior das cadeias de montanhas e...

Tudo isto fomos aprendendo a ler nas rochas... da Terra mas, também da Lua...

Quando a 30 de novembro de 1609 Galileu apontou pela primeira vez o seu telescópio para a Lua e começou a interpretar o que via, provavelmente não foi capaz de imaginar que 360 anos depois Neil Armstrong e Edwin Aldrin iriam caminhar na Lua e apanhar 22 kg de rochas que trariam para a Terra, as quais contribuíram de uma forma decisiva para perceber melhor o nosso passado mais remoto.



▼ Um dos desenhos de Galileu da **superfície da Lua** baseados nas suas observações com o telescópio.

Sobre o investigador[1]

Rui Dias é doutorado em Geologia pela Universidade de Lisboa (1994) e fez a Agregação na Universidade de Évora (2004) onde é actualmente Professor Associado no Departamento de Geociências.

Especialista em Geologia Estrutural e Tectónica tem desenvolvido trabalhos regulares em Portugal e Marrocos, de que resultaram mais de 65 dezenas de artigos publicados em revistas científicas da especialidade e duas dezenas de teses de doutoramento e de mestrado. É membro integrado do Instituto de Ciências da Terra e do Espaço e Director Executivo do Centro Ciência Viva de Estremoz tendo vindo a desenvolver intensa actividade de divulgação científica.

Presidente da Sociedade Geológica de Portugal entre 2014 e 2018 foi eleito membro correspondente da Classe de Ciências da Academia de Ciências de Lisboa em Dezembro de 2019.

A primavera avança velozmente e com ela uma tela pintada de tons vibrantes anuncia a alvorada. Flores campestres pintalgam os socalcos aqui e ali ressequidos pelo sol. Acocorado entre o velho montado e a jovem vinha de verde esperança, os sentidos são assaltados pelo chilrear incessante dos pássaros, tal o frenesim mal o sol tivera tempo de mostrar os primeiros raios. Ali perto o gralhear grave lançado ao vento por uma gralha-preta (*Corvus corone*) que demora a debicar um qualquer invertebrado mais azarado. É neste cenário, da Herdade da Mitra da Universidade de Évora, que Rui Lourenço, biólogo, é investigador. E é este cenário que Rui Lourenço, ilustrador, desenha. Foi por isso neste ambiente que ouvimos a sua estória.

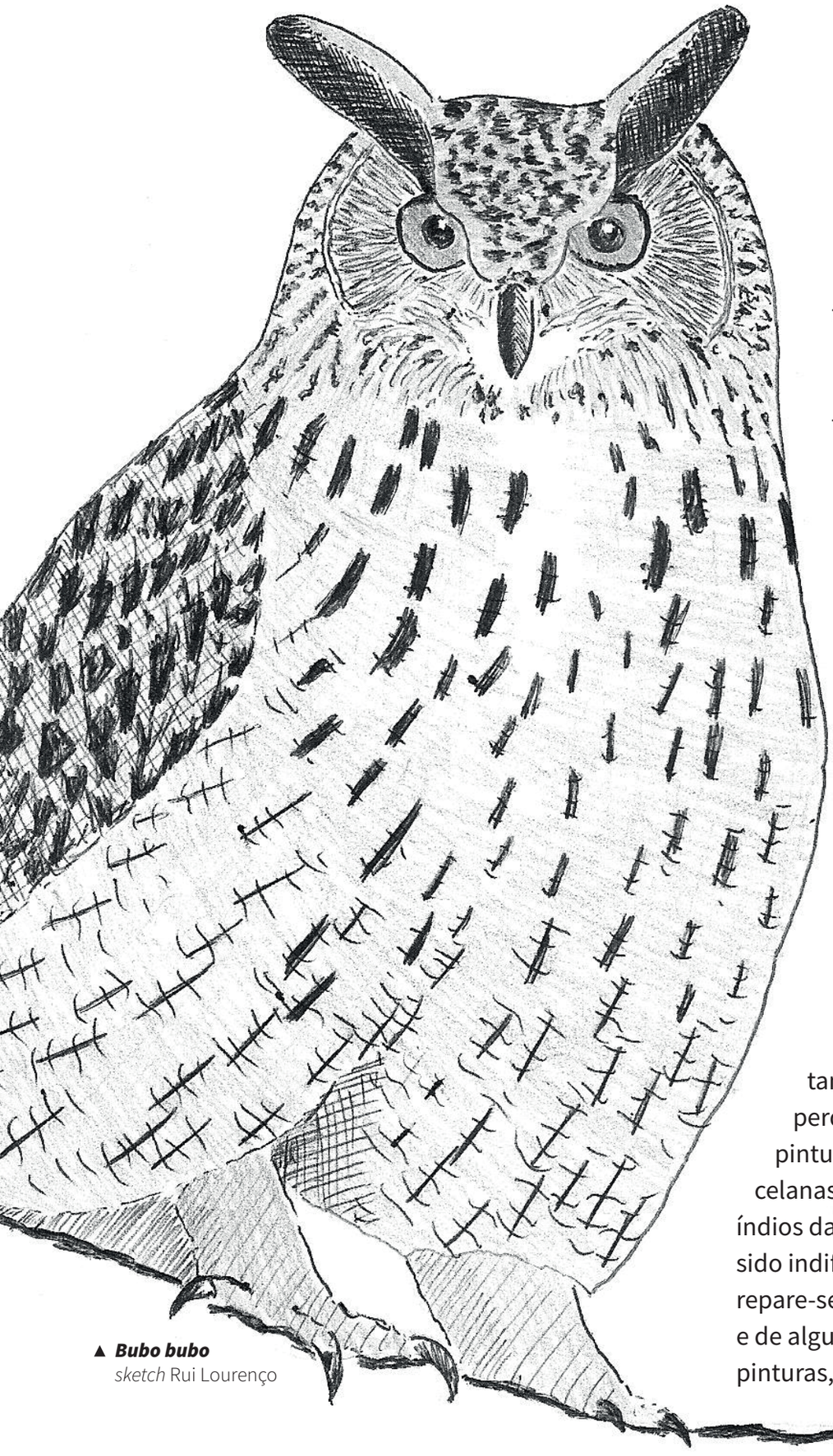
Rui Lourenço
O BIÓLOGO ILUSTRADOR

município BENAVENTE

◄ **Diário gráfico**
"...o desenho é uma ferramenta;
útil de memorização de características,
mas também de descrição
de comportamentos" Rui Lourenço

Nasceu em Lisboa há 43 anos longe da natureza, mas com a natureza espelhada no ecrã do seu televisor. Rui Lourenço, então "um miúdo", assistia, curioso, a documentários sobre ciências e vida selvagem, o que o terá levado a interessar-se por temas científicos "variados", como o próprio confidencia, "natureza em geral, mas também fenómenos geológicos, da engenharia, da exploração espacial, do corpo humano, das civilizações antigas", sem esquecer o desenho, "uma das melhores ferramentas para materializar tudo aquilo que se imagina, mas que ao mesmo tempo é de difícil concretização física".

"No meu caso, o desenho sempre foi sobretudo uma expressão criativa, mais do que uma representação exata e fidedigna da realidade", atira como que a desenhar no espaço uma lembrança feliz enquanto veste com o lápis um pintassilgo (*Carduelis carduelis*) de cores vistosas no seu bloco de papel manteigueiro. "Passei por diferentes fases do desenho, sendo um dos meus principais interesses a banda desenhada. Já no decurso da minha formação em Biologia e do meu interesse pela observação e identificação de aves, apercebi-me que o desenho é uma ferramenta útil de memorização de características, mas também de descrição de comportamentos".



▲ ***Bubo bubo***
sketch Rui Lourenço

Rui Lourenço não é arquiteto ou desenhador de profissão, mas sim, biólogo de formação. Optou pelo ramo da Zoologia porque gosta de compreender os sistemas naturais na sua plenitude e, após a licenciatura, rumou a Évora, o palco perfeito para estudar Biologia da Conservação na Universidade de Évora, e no trampolim da vida doutorar-se em Biologia, elegendo as aves de rapina, ou seja, as corujas, os mochos e os bufos, como prediletas. Os olhos grandes, virados frontalmente e as expressões associadas ao padrão das penas na cabeça confere a estas aves uma grande semelhança à face humana "expressões que todos nós estamos, de forma inata, predispostos a interpretar". Para além disso, as vocalizações e o facto de estas serem voadoras silenciosas criam "um misto de fascínio e medo, e também de desconhecido, curiosidade e admiração" realça Rui Lourenço.

O interesse do homem pelo comportamento, canto e beleza das aves em geral perde-se no tempo, podemos encontrá-las nas pinturas rupestres, representações egípcias, porcelanas orientais, estátuas africanas, ou coroas dos índios das Américas. "Nenhuma cultura humana tem sido indiferente às aves. E não é surpreendente pois repare-se nas cores coloridas que tanto nos fascinam e de alguma forma imitamos através das roupas, das pinturas, dos adornos (coroas, brincos, colares, pul-

seiras), explana num sopro Rui Lourenço sem fazer pausa sempre com os binóculos prontos a observar as aves que por aqui se entretêm na sua exaltação de voo.

A par da paixão pelo estudo das aves, a conservação da natureza é uma das prioridades para Rui Lourenço, "porque temos de ser capazes de conciliar as atividades humanas com a manutenção da biodiversidade e o equilíbrio dos ecossistemas" realça com convicção, pelo que é necessário "ajustar o consumo de recursos pela população humana à capacidade que o planeta tem de os fornecer e assim podermos caminhar para um modelo não gerador de alterações climáticas, mas para lá chegarmos dificilmente será num mundo com pobreza, fome, desigualdade social, educação insuficiente, conflitos armados e condições de saúde precárias" acentua o investigador com a seriedade que o tema merece.

"é necessário ajustar o consumo de recursos pela população humana à capacidade que o planeta tem de os fornecer e assim podermos caminhar para um modelo não gerador de alterações climáticas

Rui Lourenço sabe que não existe um modelo único ou ideal para a conservação de todas as espécies, pois "dependendo das espécies e da região do mundo, a melhor abordagem poderá ser distinta. Acima de tudo há que apostar em abordagens realistas e apostar na melhor possível dadas as contingências locais. Nalgumas regiões poderá ser possível um modelo de "rewilding" (re-naturalização), ou seja, deixar os ecossistemas praticamente sem intervenção humana. No entanto, noutros locais, o melhor

RUX 2014

modelo possível pode ser uma conservação completamente integrada nas atividades humanas, mesmo que estas tenham um grau elevado de intensidade. A própria aposta em diferentes modelos de conservação pode maximizar a biodiversidade e a viabilidade dessas ações de conservação. Em suma, penso que o modelo deve ser o mais ambicioso possível tendo em conta as limitações de cada ecossistema".

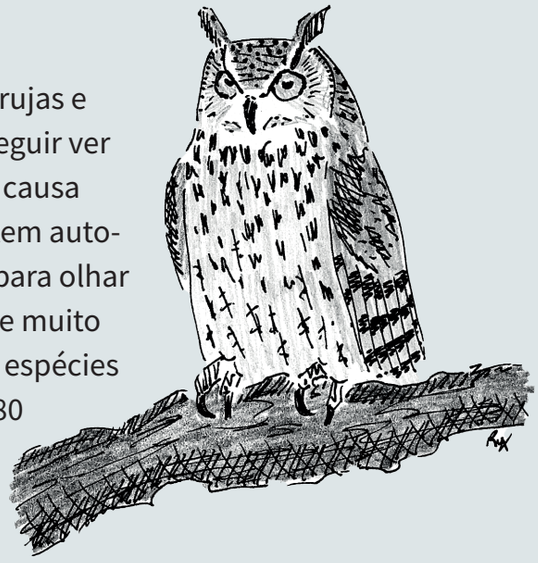
Como em todas as estórias existe um "algo" que interrompe o enredo, desta feita foi o sino que repicou na torre da igreja de Valverde como que a lembrar que o dia já vai longo e a sombra já domina por completo o pátio que anima o casario. Despedimo-nos do nosso anfitrião com a vontade de retornar para aprender mais sobre biologia e aves. Com esse sentimento ainda escutamos ao fundo, como quem se esquece de contar o principal, "sabia que no território nacional a ave com maior envergadura é o abutre-negro, (*Aegypius monachus*) que pode atingir 2,85 m, embora a ave voadora mais pesada seja a abetarda (*Otis tarda*), onde um macho pode pesar 16 kg? E que a ave mais pequena é a estrelinha-de-poupa (*Regulus regulus*) com apenas 9 cm de comprimento?

A identificação de aves no campo é feita num contexto e pode resultar apenas da audição, apenas da observação ou de ambas. Rui Lourenço consegue identificar primariamente pelo menos 50 espécies sendo que cada espécie produz vários sons pelo que não é fácil distinguir sons semelhantes. Mas o seu trabalho continua, com empenho e compromisso na conservação da biodiversidade, no desenvolvimento sustentável sempre com vista a um futuro melhor.

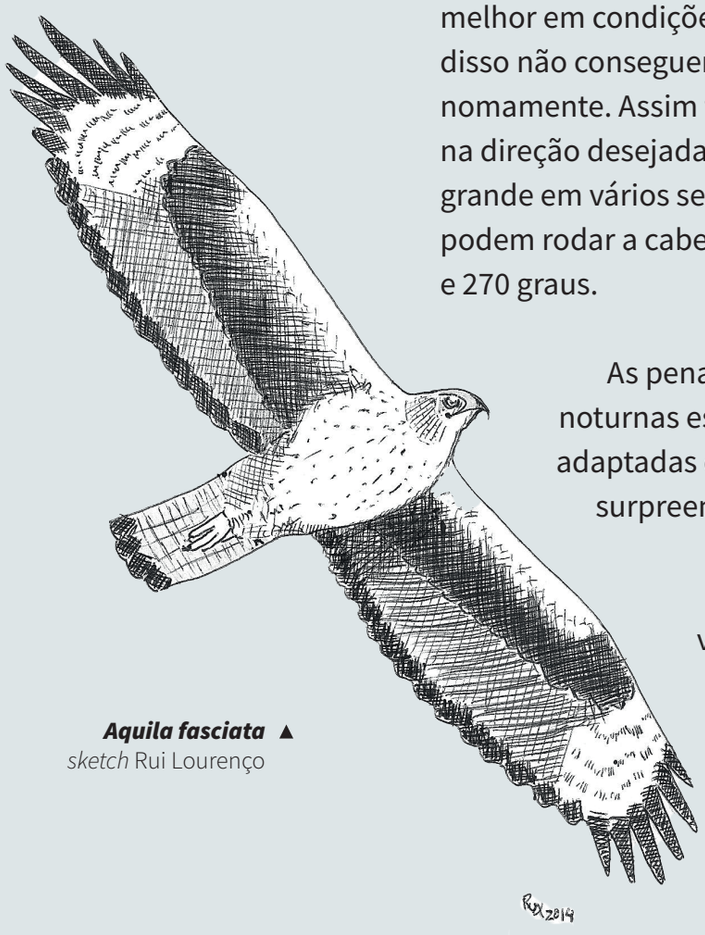
◄ ***Aquila fasciata***
Rui Lourenço

CURIOSIDADES SOBRE AS AVES

Encontram-se registadas 550 espécies de aves em Portugal, mas muitas destas são de ocorrência muito ocasional (no continente e arquipélagos). As espécies de ocorrência mais ou menos frequente são cerca de 300, o mesmo número que já foi registado no Alentejo, mas apenas cerca de 250 são de ocorrência mais regular. Destacamos o cartaxo-comum, o trigueirão, o pintassilgo, o chamariz, o chapim-azul ou o tentilhão-comum.



As aves de rapina noturnas (mochos, corujas e bufos) têm uns olhos tão grandes para conseguir ver melhor em condições de pouca luz, que por causa disso não conseguem que eles se movimentem autonomamente. Assim têm de mexer a cabeça para olhar na direção desejada, tendo uma flexibilidade muito grande em vários sentidos de rotação. Estas espécies podem rodar a cabeça lateralmente entre 180 e 270 graus.



Aquila fasciata ▲
sketch Rui Lourenço

As penas das aves de rapina noturnas estão especialmente adaptadas de modo a que o seu voo seja silencioso e assim consigam surpreender as presas.

A andorinha-do-mar realiza a maior migração conhecida, viajando do Ártico para o Antártico e regressando no mesmo ano.

A carriça pode emitir mais de 700 notas diferentes por minuto e tem um canto muito potente apesar de ser uma das aves mais pequenas em Portugal.

Os sucos gástricos dos abutres são muito mais ácidos do que os dos humanos, para poderem alimentar-se de animais em decomposição (carregados de bactérias).

◄ ***Bubo bubo***
sketch Rui Lourenço

Sobre o investigador

Rui Lourenço é licenciado em Biologia Aplicada aos Recursos Animais Terrestres pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (2000), prosseguiu o seu percurso académico com um Mestrado em Biologia da Conservação (2005) e um Doutoramento em Biologia pela Universidade de Évora (2011).

Desde 1999 que trabalha em projetos de conservação e de investigação, nomeadamente no Centro de Estudos da Avifauna Ibérica, na Universidade de Évora e na Estação Biológica de Doñana (EBD-CSIC, Espanha), tendo dedicado o seu estudo à ecologia das comunidades de aves, incluindo as interações entre espécies e o efeito das estradas e outras infra-estruturas. Foi bolseiro de pós-doutoramento no Laboratório de Ornitologia (LabOr) do Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas (ICAAM, Universidade de Évora) e é, atualmente, investigador do MED - Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento da Universidade de Évora, encontrando-se, também, a co-coordenar o Grupo de Trabalho sobre Aves Noturnas da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (GTAN-SPEA).

Ana Luísa Amaral e Ana Costa Freitas ►
cerimónia de entrega do prémio Vergílio Ferreira 2021

Ana Luísa Amaral GALARDOADA COM PRÉMIO VERGÍLIO FERREIRA ATRIBUÍDO PELA UÉ HÁ 25 ANOS

prémio Vergílio Ferreira

▲ **Antonio Sáez Delgado**
presidente do júri
do prémio Vergílio Ferreira

"Tudo aquilo que eu escrevi foi com paixão", assinalou Ana Luísa Amaral, em jeito de retrospetiva, no dia em que foi reconhecida com o Prémio Vergílio Ferreira, atribuído pela Universidade de Évora há já 25 anos. "Não são muitos os prémios literários que conseguem alcançar esta idade. Por isso sabe especialmente bem estarmos aqui para comemorar o quarto de século de vida do Prémio Vergílio Ferreira e para festejar a presença, entre nós, de Ana Luísa Amaral. Com ela, o nosso prémio reconhece o labor de uma ensaísta lúcida e vibrante, em cujos textos encontramos sempre a poesia.", evidenciou Antonio Sáez Delgado, diretor do departamento de Linguística e Literaturas da UÉ e presidente do júri deste galardão que tem eternizado as lembranças do seu patrono, o romancista e ensaísta português que estará perpetuamente ligado à cidade de Évora através da sua obra literária "Aparição".

> **"Com ela, o nosso prémio reconhece o labor de uma ensaísta lúcida e vibrante, em cujos textos encontramos sempre a poesia.**

Recuperando as palavras de Vergílio Ferreira "Da minha Língua vê-se o mar", a laureada deste ano e protagonista deste encontro, destacou ainda a importância desta distinção como forma de "incentivar

Ana Luísa Amaral ►
"(...)apresenta-nos a Liberdade, porque a Liberdade dá-nos o poder da escolha,(...)"

o amor pela nossa língua, cujo portefólio não tem preço. (…) Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação."

E é não apenas no azul do mar, mas em "todas as cores em que pode caber o arco-íris" que Ana Luísa Amaral acredita que se apresenta a sua escrita no espetro literário, numa autorreflexão no âmbito do conceito de "daltonismo próprio", mencionado pela escritora no poema intitulado "Ode à Diferença" que integra o seu primeiro livro.

Ana Luísa Amaral agradeceu a sentida homenagem e aproveitou a ocasião para enfatizar este tipo de distinções que dão voz às Letras e Humanidades que, de acordo com as suas palavras "devem ser acarinhadas e apoiadas. Temos um vastíssimo tecido académico e artístico de grandes tradições e imenso dinamismo. E não é só aquilo que é rentável ou que dá lucro, que deve ser incentivado. É também o que, aparecendo-nos como "radicalmente inútil", nos ensina e ajuda a

> **"E não é só aquilo que é rentável ou que dá lucro, que deve ser incentivado. É também o que, aparecendo-nos como "radicalmente inútil", nos ensina e ajuda a sermos mais humanos e dessa forma a desenvolvermos laços e redes de sustentabilidade e solidariedade.**

▲ **Ana Luísa Amaral**
uma “das mais prestigiadas vozes poéticas da atualidade e das últimas décadas”.

sermos mais humanos e dessa forma a desenvolvermos laços e redes de sustentabilidade e solidariedade.”

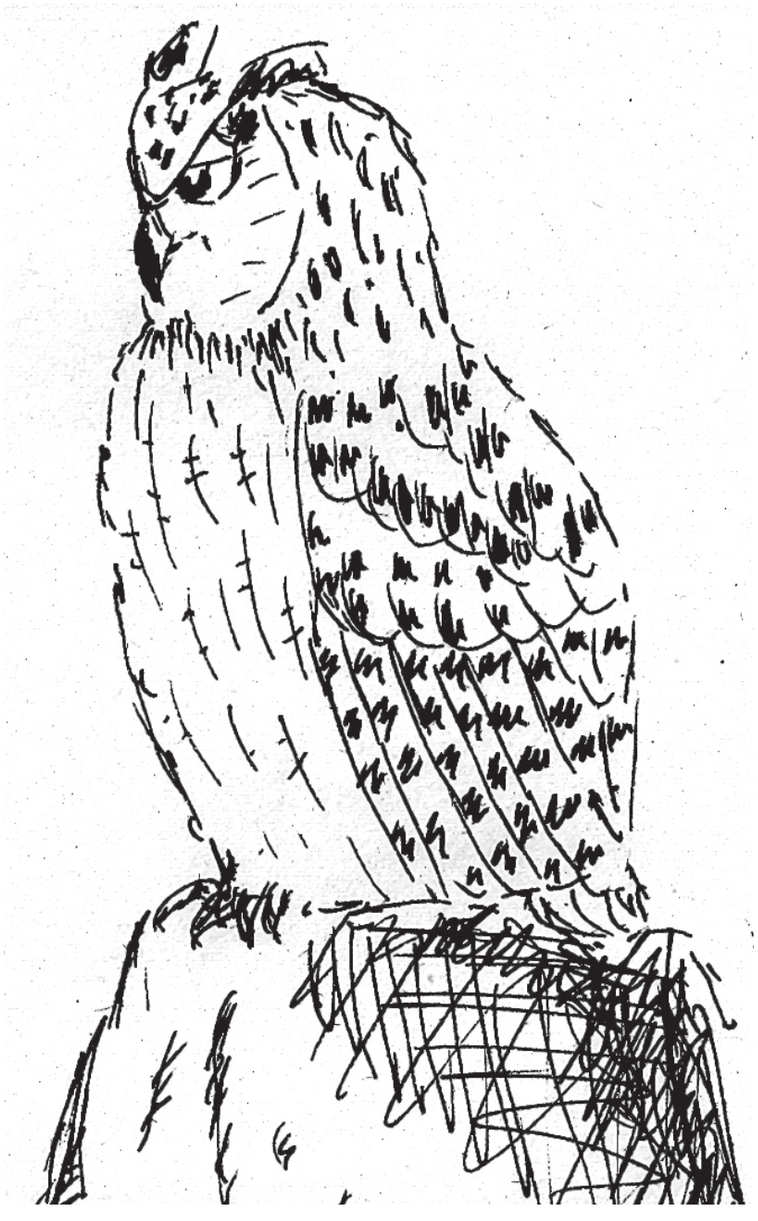
A poeta, investigadora, professora e ensaísta que se desdobra em áreas tão diversas como a teoria e a prática literárias tem sido uma verdadeira percursora do feminismo português e foi com enorme satisfação que recebeu a notícia de que tinha sido a vencedora da edição de 2021. “Fiquei muito feliz quando num sábado de manhã o professor Antonio Sáez Delgado me telefonou a dizer que tinha sido escolhida por unanimidade para receber este prémio tão prestigiado”, assinalou. De acordo com o docente da UÉ, estamos perante uma “das mais prestigiadas vozes poéticas da atualidade e das últimas décadas”.

Nas palavras de Ana Costa Freitas, Reitora da Universidade de Évora, encontra-se a descrição mais representativa do percurso traçado pela galardoada. “Quando os dogmas ditam a conduta, Ana Luísa Amaral apresenta-nos a Liberdade, porque a Liberdade dá-nos o poder da escolha, empresta-nos uma possibilidade, e a capacidade de se optar é um exercício que, tal como a respiração, pode ser profundo, encerrando a beleza que nos anima”. E assim tem sido ao longo da sua caminhada literária, a escrever com paixão, perseguindo a curiosidade. “Quando me apaixono por alguma coisa, quero conhecê-la e a curiosidade nasce sempre da paixão”.

Cerimónia de entrega do prémio Vergílio Ferreira 2021 ▲ ►

Sobre o Prémio Vergílio Ferreira

Desde 1997 a Universidade de Évora atribui o Prémio Vergílio Ferreira ao conjunto da obra literária de um autor de língua portuguesa que se tenha distinguido no âmbito da narrativa e/ou do ensaio. A cerimónia de entrega do mesmo realiza-se anualmente a 1 de março, dia em que se assinala também o aniversário da morte do seu patrono, o romancista e ensaísta português Vergílio Ferreira (1916-1996), que retrata a cidade de Évora, onde viveu durante a época do salazarismo, na sua obra “Aparição”.



Bubo bubo
sketch Rui Lourenço

UNIVERSIDADE DE ÉVORA